

Conectando pessoas, botânica e o ensino de ciências no *Instagram*

Paolla Gabryelle Cavalcante de Souza
Tobias Silva de Medeiros

07

Nos últimos dois anos vivenciamos uma repentina e intensa migração do mundo real para o virtual devido a pandemia causada pelo Coronavírus. O distanciamento social nos trouxe diferentes maneiras de interagir com o mundo e, com isso, parece que nos distanciamos um pouco do mundo natural que nos cercava em nossa rotina diária, nos tornando observadores da natureza através das janelas do ciberespaço. A redução da circulação de pessoas nos espaços físicos se tornou uma medida importante para reduzirmos a taxa de contaminação e casos de Covid-19 e de outras síndromes gripais no Brasil, mas a importação da rotina de trabalho/estudo de professores e alunos para o ambiente virtual foi difícil — e ainda está sendo.

O ensino remoto se tornou uma realidade na vida dos estudantes brasileiros que tinham uma mínima infraestrutura tecnológica e acesso à internet (ALVES, 2020). O ensino permeou diversas camadas do ciberespaço, o que foi essencial no combate à divulgação de notícias falsas e impulsionou a divulgação científica de qualidade em diferentes áreas e plataformas virtuais, sendo provavelmente as redes sociais umas das plataformas mais utilizadas para divulgação nos últimos anos.

Durante a pandemia da Covid-19, também foi possível observar um aumento severo da fome entre os brasileiros (NEVES et al. 2021). O aumento do preço dos alimentos forçou diversas famílias a mudarem a sua alimentação, com a impossibilidade de comprar proteínas, os supermercados passaram a vender produtos que antes eram jogados fora, como pele e ossos de frango. Esse contexto desolador foi ocasionado, principalmente, pela desarticulação do governo

em lidar com as políticas sociais, o que levou ao aumento da insegurança nutricional no Brasil (AMORIM et al. 2020).

A realidade brasileira atual de ensino remoto e insegurança alimentar nos instigou a produzir uma proposta educacional que incentivasse a conexão entre as pessoas, a natureza, a botânica e o ensino de ciências. Assim, foi construído o projeto de divulgação científica *Do Jardim à Mesa: Como saciar a sua fome com PANC?*, elaborado durante a disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores II, que segue princípios como a valorização da experiência docente, tendo a escola pública como ambiente prioritário, compreendendo e respeitando o contexto social, cultural e a pluralidade dos indivíduos no campo de estágio, além de relacionar teoria e prática docente. O projeto *Do Jardim à Mesa* tem como objetivo principal apresentar as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) como alternativa nutricional alimentar e conectar a botânica, saberes tradicionais e a educação científica no Instagram do Parque das Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O Parque das Ciências é um espaço não formal de ensino que une a ciência e a educação para a sustentabilidade. Ele está localizado nas dependências do Museu Câmara Cascudo (MCC - UFRN), na área verde do Museu, localizado na Av. Hermes da Fonseca, 1398 - Petrópolis, Natal/RN. O espaço do Parque possui um leque de possibilidades para o ensino de ciências, sendo sua principal atração o Jardim Sensorial, local que escolhemos trabalhar, uma vez que as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) se encontram nesse espaço.

O termo PANC é utilizado para definir plantas ou partes de plantas que não são frequentemente utilizadas pela população (KINUPP & LORENZI, 2014). Por exemplo, uma planta pode ser uma PANC no Rio Grande do Norte, mas em outro estado ser amplamente utilizada na alimentação e, por isso, não ser considerada uma Planta Alimentícia Não Convencional nesta região. Portanto, o termo PANC é flexível e pode mudar de acordo com a cultura alimentar do local.

As primeiras semanas de estágio talvez tenham sido as mais angustiantes, pois não conseguimos realizar a nossa primeira reunião para apresentação de seus espaços e diálogo sobre possibilidades de elaboração do projeto com as pessoas do Parque. A sensação era que estávamos atrasados, pois não conseguimos encontrar horários para todos participarem da reunião, então, nossos primeiros encontros foram, na verdade, desencontros... Contudo, na semana seguinte, conseguimos conhecer um pouco sobre a história do Parque, sua realidade atual e suas dificuldades de manutenção financeira e de recursos humanos durante a pandemia. A angústia da primeira semana foi substituída pela ansiedade de pensar ideias interessantes de ensino não formal em formato remoto para o Parque das Ciências.

Ao visitar o jardim sensorial você pode estimular todos os sentidos do corpo humano. As plantas com diferentes texturas nos convidam ao toque. As plantas aromáticas, muitas delas comestíveis e utilizadas para fins medicinais, estimulam nosso olfato e paladar. A diversidade de plantas no local nos convida a imergir no universo dos sentidos, sendo possível o aprendi-

zado de ciências através das sensações. Apesar de fazer parte do MCC - UFRN, um museu conhecido na cidade de Natal, muitas pessoas ainda não conhecem o local, inclusive, estudantes da disciplina de Estágio II.

Assim, visando também contribuir para a divulgação do Parque das Ciências na cidade de Natal, elaboramos o roteiro e o conteúdo a ser divulgado no Instagram do Parque baseado nas PANC do Jardim Sensorial. A construção das postagens, apesar de cansativa, foi facilitada devido ao esforço prévio na elaboração do projeto, pois o conteúdo presente nas postagens do Instagram já havia sido inventariado nesta etapa, mas precisava ser organizado de uma forma simples com uma linguagem clara e ilustrado com imagens explicativas. O design de todas as postagens foi construído no Canva.

Todo o material das postagens e as descrições das imagens passaram pelas revisões e para isso tivemos a ajuda de nossos professores orientadores. Após as correções e alterações finais, nosso material foi divulgado no evento de extensão, Festival Ciências em Rede (PROEX-2022). As nossas postagens no Instagram do Parque foram divulgadas durante três dias e antes da primeira publicação ficamos empolgados e ansiosos para saber como seria recepção do projeto pelos leitores.

A nossa primeira postagem no Instagram do Parque foi sobre uma PANC símbolo da cidade de Natal, a Chanana, que possui o nome científico de *Turnera subulata*, ela também é conhecida por outros nomes populares, como: Damiana, Albina, Flor-do-Guarujá, entre outros. A Chanana é uma planta que se propaga facilmente e por isso podemos encontrá-la

em diversos locais da nossa cidade, como em áreas abertas, parques e canteiros (KINUPP & LORENZI, 2014). Nosso post da Chanana, contemplou suas características morfológicas, tipo de flores, caules e folhas, suas propriedades nutricionais e uma receita simples de salada da flor da chanana. A interação do público com nosso primeiro post foi bem positiva, com várias curtidas, alguns compartilhamentos e comentários que demonstraram interesse e o espanto sobre essa planta ser uma PANC, como: “Não conhecia, que legal! Parabéns!”, “Não sabia, amei o post” e “Veja que maravilha”.

Nossa segunda postagem foi sobre a Ora-pro-nóbis, cientificamente nomeada por *Pereskia aculeata*, também conhecida por outros nomes populares como carne dos pobres, trepadeira-limão, entre outros. A escolha dessa planta foi principalmente por se tratar de uma PANC com alto teor de ferro, vitamina C e proteínas (KINUPP & LORENZI, 2014), inclusive um de seus nomes populares, “carne dos pobres”, relaciona o alto valor nutricional de proteínas desta planta à carne. Além disso, é uma planta muito versátil, pois suas folhas, flores e frutos podem ser consumidos. A postagem, como a anterior, também contemplou as características morfológicas da planta, tipo de folhas, frutos, flores e caule, suas propriedades nutricionais e uma receita de farofa de ora-pro-nóbis. A interação do público com nosso segundo post, apesar de pouco menor que a primeira postagem, também foi positiva, teve várias curtidas e comentários, dentre eles podemos destacar os seguintes: “Nossa que legal saber!”, “Gostei de saber, bem interessante!”, “Parabéns pelo trabalho, muito interessante”.

Nossa terceira e última postagem foi sobre a *Peperomia pellucida*, nome científico da Peperômia, que também é conhecida por outros nomes populares como: Erva-de-Jabuti, coraçãozinho ou pimenta do mato. Escolhemos a peperômia pelo seu teor de minerais, principalmente potássio, cálcio e ferro e também porque ela foi a primeira planta alimentícia não convencional que identificamos ao visitar o Jardim Sensorial do Parque das Ciências (KINUPP & LORENZI, 2014). A última postagem, como as anteriores, também trouxe as características morfológicas da PANC, como tipo e formato de folhas, inflorescência, caule e pecíolos, suas propriedades nutricionais e uma receita de Bolinho de Peperômia. Quanto à interação com as postagens esperávamos que elas se mantivessem com uma média parecida, porém percebemos uma redução da interação da primeira para a última postagem.

Além disso, antes das postagens das três PANC (Chanana, Ora-pro-nóbis e Peperômia), construímos uma enquete inicial para saber o interesse do público e observamos que uma média de 227 pessoas visualizaram os stories, dentre elas, cerca de 95 pessoas responderam a todas as perguntas. A maioria das pessoas demonstraram interesse nas postagens e muitas não conheciam as PANC. Após as postagens das plantas no feed, a enquete final foi publicada, e tinha como objetivo identificar se os conhecimentos básicos foram compreendidos pelo público. Entretanto, percebemos que o engajamento diminuiu muito em relação a enquete inicial, uma média de 139 pessoas visualizaram os stories e cerca de 45 pessoas responderam todas as perguntas. Apesar disso, consideramos



(Dorottya Gál/Pexels)

que as postagens tiveram um impacto positivo, já que a maioria das pessoas que responderam as questões conseguiram identificar as PANC por suas características morfológicas, além de terem demonstrado interesse em utilizar PANC em sua alimentação.

Este segundo estágio supervisionado foi muito importante para nossa formação docente, pois nos permitiu relacionar teoria e prática, articulando saberes científicos, didáticos e do contexto social atual do país para realizar um projeto colaborativo com profissionais do Parque das Ciências, Universidade e estudantes nas redes sociais. Compreender o contexto social e cultural do país e observar o espaço físico do Parque da Ciência foi importante para a elaboração do Projeto Do Jardim à Mesa, pois, a partir da problematização do contexto atual do Brasil e dos recursos que vimos no Jardim Sensorial, foi possível observar criticamente a situação e plantar uma sementinha de transformação nas pessoas que interagiram com o Instagram do Parque das Ciências a partir do nosso projeto.

No entanto, durante a realização da atividade de estágio tivemos várias dificuldades

que aos poucos foram superadas. O Estágio II nos mostrou que nem tudo será como planejado e está tudo bem se a gente tiver que mudar de estratégia. Afinal, a vida está em constante mudança, principalmente nesse momento de incertezas relacionadas ao aumento de casos de Covid-19 na cidade. Em alguns momentos, o sentimento de angústia e apreensão tomou conta do grupo, a adaptação ao formato remoto e aos problemas causados pela pandemia foram algumas das dificuldades. Além disso, tivemos componentes do grupo que contraíram o vírus da COVID-19 e, tendo em vista os diferentes contextos de estudo e trabalho, encontrar horários comuns a todos foi bastante complicado.

Apesar desses obstáculos, a palavra adaptação passou a fazer mais sentido à medida que fomos modificando nossa forma de fazer o projeto e superando as dificuldades. A parceria com os professores e orientadores também foi um fator importante que nos tranquilizou em muitos momentos da jornada e que fez o Estágio II ser mais leve. Após todas as etapas de planejamento, pesquisa, escrita e adaptações para elaboração do projeto e, posteriormente, execução e análise dos resultados obtidos, o aprendizado e o conhecimento adquirido nesse processo valeu a pena todas as dificuldades encontradas e superadas durante o percurso do Estágio II.

O sociólogo Luís da Câmara Cascudo em seu livro *História da Alimentação* (1967) diz que “a fome revela ou revaloriza espécies vegetais e animais caídas em desuso” (CASCUDO, 1967, p. 57). O intuito do nosso projeto foi instruir a identificação de algumas PANC e valorizar a cultura tradicional do uso das plantas que

temos próximo da gente e que são comestíveis, incentivando a alimentação nutricional e saudável utilizando partes não comumente utilizadas nos preparos, como flores de chanana, folhas de peperômia e ora-pro-nóbis. Entretanto, acreditamos que uma ação isolada não tem força para mudar o contexto de desigualdade e fome presente atualmente no país. Mas, esperamos que as postagens no *Instagram* do Parque tenham despertado o interesse por PANC e/ou pelo Parque das Ciências.

Referências

ALVES, L. Educação Remota: Entre a Ilusão e a Realidade. *Educação*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365.

AMORIM, Ana Laura Benevenuto de; RIBEIRO, José Raimundo Sousa; BANDONI, Daniel Henrique. Programa Nacional de Alimentação Escolar: estratégias para enfrentar a insegurança alimentar durante e após a COVID-19. **Revista de Administração Pública**, v. 54, p. 1134-1145, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Alimentação no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967-1968. *Brasiliana*, v. 323-323A.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri J. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 2014.

NEVES, Jose Anael et al. Unemployment, poverty, and hunger in Brazil in Covid-19 pandemic times. **Revista de Nutrição**, v. 34, 2021.